

# OS FILHOS QUE NUNCA TIVEMOS

AMOSBERT

Tina Vieira



Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

*À memória de José López Cuadra,  
um interpretador de sonhos*

*“La eternidad de los muertos dura  
mientras se les paga con memoria,  
moneda inestable. Y no hay día en que  
alguien no pierda su eternidad.”*

**WISŁAWA SZYMBORSKA, REHABILITACIÓN**

“... o presente, o concreto do presente,  
enquanto fenômeno a examinar,  
enquanto estrutura, é para nós um  
planeta desconhecido; portanto, **não  
sabemos nem conservá-lo na nossa  
memória nem reconstruí-lo pela  
imaginação. Morremos sem saber o  
que vivemos.**”

MILAN KUNDERA, *Os TESTAMENTOS TRAÍDOS*

## Só por hoje

Uma capicua pode destruir a imagem de um homem. Alguns dizem que dá sorte, mas, neste caso, não. Para Isabel, precipitou a derrocada de um mito. Do outro lado da mesa, diante dela, estava Antonio, lendo e relendo as instruções do exercício do livro de estimulação cognitiva. Tinha de formar capicuas a partir de números já fornecidos. Uma tarefa fácil, que o livro torna ainda mais simples ao explicar no enunciado o que é uma capicua.

Há dois anos, Antonio teria fechado o livro entre zombeteiro e ofendido. O exercício seria tão ridiculamente pueril, que talvez ele dissesse:

— Morena, você está de sacanagem com a minha cara.

Agora as perspectivas mudaram. Já não existem tarefas óbvias. Nada pode ser dado por sentado. O que antes era feito com automatismo hoje exige reflexão. E sem nenhuma garantia de êxito.

Isabel teve de esperar mais de dez minutos para que ele entendesse o que tinha de fazer e seu cérebro desse a ordem de execução. 2, 6, 2, 3, 6, que devem ser colocados na ordem certa, cada número na sua quadrícula, formando a capicua 6, 2, 3, 2, 6.

— Antonio, vamos começar pela mais fácil. 3, 3, 4. De que maneira a leitura desses números pode ser igual tanto da frente para trás como de trás para a frente? Pensa um pouco. Eu sei que você sabe.

Ele subia e baixava as pupilas, percorrendo a página do livro, como se estivesse concentrado em ler algo importante. Pegava no lápis para, em seguida, pousá-lo, repetindo o movimento várias vezes. Mirava a mulher com olhos súplices à espera de que tivesse pena dele e o liberasse da tarefa. Enquanto observa os pequenos movimentos do marido e a sua angústia crescente, Isabel tenta manter a calma. Explica outra vez, dá exemplos, faz ela própria um dos exercícios. Por dentro, porém, ocorria um desmoronamento, a desconstrução de um homem. O professor universitário brilhante, especialista em filosofia pré-socrática, com quem se casou havia duas décadas, virava pó.

Apesar de o problema cognitivo ter começado havia mais de dois anos, só naquele instante Isabel se deu conta de que o homem pelo qual se apaixonara já não existia. Às vezes, um momento fugidivo ou uma única palavra cristalizam algo que até então tentamos ignorar, algo que vai além da nossa capacidade de aceitação.

Antonio estava submergindo a um ritmo veloz, soterrado por placas neuronais invencíveis. Pior: ele continuaria sendo engolido, pouco a pouco, dia a dia, sem piedade por parte do seu algoz, como quem é tragado por uma poça de areia movediça. Ao final, só vemos parte da cabeça e um braço do lado de fora pedindo ajuda, e depois, na antecâmara do inferno, apenas umas borbulhas na superfície, que precedem o nada.

Uma simples capicua eliminou as esperanças de que tudo não passasse de uma fase, de uma perda normal para a sua idade. Ele já tinha 70 anos, e um certo declínio cognitivo estaria dentro

do previsível, explicou o neurologista. “É necessário esperar para fazer uma avaliação mais precisa do caso. Por enquanto, as pontuações no *mini-mental* são aceitáveis.” Nada como a fleuma que impõe a profissão. Isabel não precisava mais de nenhum teste. A capicua falida matou o resquício de dúvida que ela insistia em alimentar.

Quando Antonio, enfim, colocou os números na ordem certa, Isabel deu o “treinamento” diário por encerrado. Recolheu o livro e o estojo — companheiros do casal nos últimos meses — e abriu a geladeira em busca de uma cerveja gelada. Era preciso apaziguar a raiva que se aninhava dentro dela, de maneira sub-reptícia como as placas amiloides que foram se depositando no cérebro de Antonio sem que ninguém suspeitasse. A raiva servia de esconderijo para o medo. Isabel não sabia, mas estava em pânico.

Isabel acordou com dor de cabeça, e os gritos de Sara contribuíam para aumentar o seu mau humor. A menina chegara mais irascível do que o habitual. Não queria fazer nenhum exercício, nem os mais simples, de empilhar figuras geométricas da mesma cor e tamanho. Tarefas que exigissem maior destreza e paciência, como recortar papéis e retalhos para formar colagens, nem pensar.

Sara passou a primeira hora correndo ao redor da sala de aula. Corria descalça, movendo os braços abertos como se voasse. *Hand flapping*. De vez em quando, jogava algum objeto no chão, sem parar para recolhê-lo. Um boneco de trapo, um conto infantil, um quebra-cabeça de madeira, estorvos para o seu símil de voo. Quando o cansaço aparecia, parava no meio da sala, colocava a palma da mão direita em frente à boca e emitia aqueles

grunhidos estranhos que tanto prazer lhe davam. Uma líder tribal chamando os seus para a guerra.

No início, Isabel tentou encaixá-la na rotina diária, mas desistiu mais rápido do que seria o esperado do seu papel de professora. *Hoje não estou para aturar malucos*, pensou, arrependendo-se em seguida das palavras politicamente incorretas. *Menos mal que os pensamentos ainda estão a salvo nestes tempos de patrulha generalizada*. Em um outro dia qualquer, Isabel teria insistido, usaria algum dos artifícios aprendidos em mais de duas décadas de profissão. Mas nem aquele era um dia qualquer nem Sara era uma criança que se rendesse facilmente aos seus truques pedagógicos.

Enquanto observava a aluna, Isabel se mantinha sentada, com as pernas cruzadas, espinha ereta, semblante rígido, como se estivesse sendo paga para vigiar a sala. Aula do sol. As letras coloridas penduradas do lado de fora da porta debaixo de um sol enorme cor de laranja corroboram onde Isabel se encontra neste momento. *Quem teve a ideia de colocar esse nome ridículo numa aula específica para alunado especial?* O pensamento a deprimiu ainda mais, e, pouco a pouco, ela sentiu os ombros e a parte superior das costas encurvando-se, a cabeça pendeu, como se toda ela cedesse ao peso da angústia, esmagada por cenários catastróficos, por um futuro oco, presa numa estrada, que, de repente, foi cortada ao tráfico. “Desvio.” Mas para que lado?

Ao se casar com um homem 25 anos mais velho, imaginou muitas vezes como seria o desfecho, na pretensão de ser ela a assistir o fim do outro. Criou distintos cenários, os mais corriqueiros, câncer, infarto, derrame cerebral, esses percalços que se leem nas notícias ou sobre os quais se lamenta alguma pessoa próxima. Nunca, entretanto, supôs o que estava acontecendo agora. Um homem tão brilhante quanto Antonio poderia perder

a força, o viço, a mobilidade, a potência, a funcionalidade dos órgãos, a capacidade de se defender de organismos invasores, poderia passar qualquer coisa com ele — até mesmo a morte —, menos a decrepitude mental.

E as pessoas ainda caem nessa conversa dos médicos de que é preciso trabalhar a mente, fazer palavras cruzadas, ler o jornal todos os dias, aprender um idioma novo, desenvolver laços sociais. “Quanto maior a escolaridade, menor o risco de padecer de demência”, “O hábito da leitura é o melhor aliado do cérebro”, “Pessoas ativas são menos propensas ao declínio cognitivo”: títulos criados por jornalistas sentados numa redação, a maioria jovens que não tinham a menor ideia do que pode vir a ser a degeneração mental.

— Esparrelas para vender reportagens e tranquilizar a população — falou Isabel, em voz alta, como se Sara pudesse entendê-la. Levantou-se e continuou olhando fixamente a menina. — Que pessoa no mundo tinha lido mais livros e jornais do que Antonio? — inquiriu, dedo em riste.

Sara arqueou as sobrancelhas, talvez intrigada com a frase e, principalmente, com o tom da professora. Emitiu mais um grunhido e continuou correndo. Isabel decidiu se sentar outra vez, fechou os olhos e respirou fundo, como se, ao exalar, pudesse se livrar da angústia que a inundava.

Entre uma corrida e outra ao redor da sala de aula, Sara se dedicava a um dos seus movimentos repetitivos favoritos. Fica de quatro, apoiada só sobre o joelho esquerdo. Com a mão direita, dá palmadas no chão. Todo o corpo se move ao ritmo desses pequenos golpes, inclusive a perna direita flexionada a poucos centímetros do chão. Enquanto se esforça para manter o corpo em

equilíbrio nessa peculiar coreografia, emite um ruído similar ao de um pássaro em agonia.

Apesar de Isabel ter tanta experiência lidando com autistas, essa estereotipia de Sara a irritava sobremaneira. Já tentara entender o porquê, mas não chegava a uma conclusão lógica. A última associação que fizera foi a de que o movimento de vaivém no chão e a posição quadrúpede lhe recordavam uma relação sexual. Mas Isabel tinha visto de tudo ao longo da sua carreira de especialista em necessidades educativas especiais. Tampouco se via como uma pessoa puritana. Então essa explicação não tinha muito sentido. Talvez a verdade fosse simplesmente a de que a menina de 7 anos era um caso muito difícil, e passar tantas horas com ela a exauria.

O pensamento lembrou a Isabel que tinha uma reunião com a mãe da menina à tarde. Esperava que não demorasse muito, porque ela tinha que pegar Antonio no centro de dia e porque a mulher — brasileira como ela — lhe causava uma sensação incômoda. Quando se conheceram, pensou que a coincidência de nacionalidade criaria uma simpatia mútua, mas ocorreu o contrário. Silvia — a mãe de Sara — parece ter ficado nitidamente contrariada quando percebeu pelo sotaque que a professora da filha era compatriota. E mais contrariada ainda quando descobriu que as duas eram do Rio de Janeiro. Tentou disfarçar o incômodo, mas Isabel tinha um talento natural para perceber variações faciais sutis, esgares involuntários, rictos denunciadores.

— Ah, você também é do Rio. Que legal! Eu morava no Flamengo. E você?

— Não, eu não, eu não. Eu sempre morei longe. Em Pedra de Guaratiba, Sepetiba, Santa Cruz. Quase nunca ia por essas bandas.

Foram as únicas frases sobre o passado brasileiro de Silvia que ouviu. Nem da gravidez de Sara quis falar. Limitou-se a dizer que tinha sido tranquila, e o parto, por cesariana. O pai era um antigo namorado, que não quis assumir a filha e desapareceu.

— Sara nasceu no Brasil, sim. Mas logo depois viemos para Portugal. Começou a ser escolarizada aqui.

Desde esse primeiro contato, Isabel teve a sensação de que a mãe da menina a evitava. Ao contrário da maioria dos pais, que mendigavam informação, que queriam que lhes relatasse variações ínfimas de comportamento, em que cada detalhe parecia ter o potencial de uma grande melhora, Silvia se refugiava no silêncio.

— A senhora reparou que agora ele mantém o olhar mais tempo, que é mais fácil captar a sua atenção?

— Ele ontem me contou sobre o que tinha feito na escola. Articulou uma frase completa, com sujeito e tudo.

Silvia não era dada a esses comentários esperançados, tão comuns nos pais dos alunos autistas. Como os relatos que Isabel teria para fazer sobre Sara eram pouco alentadores, acabou por respeitar a distância. A cada trimestre, no entanto, ela e a mãe tinham uma reunião ineludível.

Depois da oficina de artes plásticas e do recreio, Isabel acompanharia Sara à sua classe regular e tentaria que ela participasse de alguma atividade com os outros alunos. Na maioria das vezes, isso se tornava impossível, porque a menina não obedecia, não era capaz de ficar sentada e acompanhar a leitura de um conto, por exemplo. Mas o protocolo impunha seguir tentando.

Os companheiros de Sara gostavam da sua presença, principalmente as meninas, que chegavam até a disputar a cadeira

ao seu lado. Pareciam imbuídas da missão de tranquilizá-la e fazer com que desfrutasse do ambiente escolar. Isabel estava cada vez mais convencida de que os principais beneficiados pela inclusão eram as crianças ditas normais, que, ao conviver com pessoas como Sara, descobriam muito cedo que o mundo não é um espelho.

Essa era a rotina de Isabel na escola onde trabalhava desde que viera do Brasil havia oito anos. Tivera sorte de regularizar o seu diploma com rapidez e conseguir esse emprego. Na época, a diretora da escola ficou impressionada com seu currículo, seu mestrado, suas especializações em alunado especial. E como a inclusão estava na ordem do dia, foi contratada. No início, tudo foi um idílio. Ela e Antonio instalados na Europa, ele, já aposentado, teria tempo para ler seus livros, começar o ensaio que havia tanto tempo queria escrever, ela com um emprego fixo numa escola particular em Portugal. Viajariam todos os anos à Espanha natal de Antonio. Paris, Londres, Roma também eram opções apetecíveis de férias. Sonhava ir à Grécia com o marido, um amante da cultura helena, mas não aconteceu.

Isabel ouviu as duas batidas na porta e se endireitou na cadeira, como se, a partir daquele momento, fosse proibido relaxar. Primeiro, Silvia, a mãe de Sara, assomou o rosto, ligeiramente inclinado para a frente, como um animal de butuca. Verificou que a professora estava ali e, só então, abriu a porta e penetrou no que, para ela, era um ambiente com cheiro de ameaça.

As duas fizeram os cumprimentos de praxe, mas cada uma, por motivos diferentes, tinha a outra como um incômodo, uma areia fina que entra na sandália e faz com que queiramos sentar

para sacudi-la. Quanto antes isso acontecer, mais rapidamente seguiremos nosso caminho.

Isabel se esforçava para ser simpática, mas a cara angulosa de Silvia, com seu cabelo curto pintado de louro, a pele demasiado branca e baça, os olhos pequenos de míope detrás dos óculos quadrados, as feições pouco atrativas, o corpanzil de mulher que já entrou nos 50 sem ter se preocupado muito com a idade, tudo na mulher a desagradava. Tinha o cenho permanentemente franzido, os lábios finos apertados não convidavam a nenhum diálogo. Isabel sempre tentava ser sucinta e acabar logo com a reunião. Não havia novidades a respeito de Sara, e a própria mãe parecia não querer investigar. Quanto mais perguntasse, mais se daria conta de que o futuro não era muito promissor, pensava Isabel.

— Sim, Sara continua frequentando o consultório da psicóloga, mas a verdade é que não há muitos avanços.

— Os avanços, nesses casos, são muito relativos. Para uma criança como Sara, um grande progresso pode ser, por exemplo, que ela consiga se centrar numa atividade, mesmo que por pouco tempo, que conclua uma tarefa simples sem ter uma crise de ira, que incorpore uma rotina no seu dia a dia. Os parâmetros não são os que aplicamos às outras crianças. É preciso buscar e valorizar esse tipo de avanço a que estou me referindo. Se nos prendemos ao que seria considerado normal, ficaremos sempre frustrados.

Silvia ouvia tudo com seriedade, concordava com a cabeça, como se estivesse compenetrada nas palavras da professora, mas não retinha quase nada. Detestava esse plural majestático dos profissionais. Queriam simular empatia, como se estivessem todos no mesmo barco, mas isso é tão falso quanto dizer que os filhos são amados independentemente das suas dificuldades.

*Não use a primeira pessoa do plural, dona sabichona, porque você não tem a mais pálida ideia do que é ter um filho autista. Você não está nesse barco comigo, está no cais, fazendo gestos incompreensíveis e dando orientações aos que estão na embarcação desesperados para mantê-la a salvo.*

— Sara tem muita dificuldade em controlar a frustração. É preciso tentar encaixá-la nas rotinas por meio das recompensas, como já lhe expliquei uma vez, Silvia. Ela gosta de ver desenhos no computador? Pois só vai fazer o que quer quando terminar uma determinada atividade, por exemplo, o jogo de correspondência entre nomes e fotos.

O desejo de Silvia era varrer todos os papéis da mesa para o chão, agarrar Isabel pelos ombros, sacudi-la e gritar com toda a força. Talvez assim ela entendesse que o seu discurso é estéril, que não vai convencê-la de que existem categorias aceitáveis de avanços. O que há são padrões evolutivos, que se cumprem ou não se cumprem. Em caso negativo, cabe a cada um buscar a maneira de sobreviver.

*Você tem noção do que está falando? Também lhe ensinaram na faculdade a rebaixar as expectativas dos pais, a fazê-los entender que o bebê que imaginaram que seria a realização dos seus sonhos não passa de um animalzinho melhorado? Como se faz para aceitar isso, espertinha? Como se faz para conviver com o fracasso diariamente, com a certeza de que se cometeu o maior erro da sua vida, sem poder fazer nada para apagá-lo nem sequer remediá-lo?*

Silvia, no entanto, sempre se controlava. Ao contrário do que Isabel supunha, ela tinha informações detalhadas sobre o autismo da filha, sabia exatamente em que consistia o transtorno, as variações possíveis em todo o seu espectro, a severidade dos sintomas no caso de Sara, as diferenças entre cada criança, o

prognóstico. Por isso, nunca perguntava nada, não insistia com falsas esperanças de melhora, como fazia a maioria dos pais. Encarava aquelas reuniões como um trago amargo que tinha de sorver a cada trimestre.

Também evitava qualquer comentário pessoal, não queria que a outra revolvesse lembrar os tempos de Rio de Janeiro.

*Uma cidade tão grande, e morávamos no mesmo bairro. Que azar. Será que alguma vez nos cruzamos no supermercado sem saber que, um dia, viveríamos aqui? Ou no Aterro do Flamengo durante a caminhada dominical? Será que ela morava no lado nobre, de cara para a praia, ou na parte de dentro, perto do Catete ou do Largo do Machado? Se soubesse o que sei agora, ainda estaria ali. Infeliz, mas uma infeliz sem lastro.*

\*

O status de uma pessoa na vida pode ser definido pela porta por onde ela entra. À esquerda, está a entrada da creche, à direita, a do “centro-dia para a terceira idade”, essa invenção dos países envelhecidos, que não sabem o que fazer com os seus idosos. De um lado, crianças de até 3 anos de idade, algumas com escassos meses de vida; do outro, pessoas que já passaram dos 60, a maioria, na verdade, ronda os 80. De um lado, pais com pressa para ir ao trabalho deixam os rebentos na esperança de que passem ali horas de tranquilidade, enquanto eles se debatem entre as obrigações diárias, a ambição e o sentimento de culpa; do outro, filhas e esposas entregam seus entes queridos nas mãos de psicólogos, fisioterapeutas e auxiliares de geriatria, cabulando maneiras de não se sentir tão sufocados. De um lado, horas pela frente de descobertas sensoriais, brincadeiras e sono reparador; do outro, sessões de estimulação cognitiva, trabalhos manuais